

O “demônio negro”: o negro como maligno nas representações religiosas e raciais da imprensa de São João del-Rei (1871-1889)

*The “black devil”: the black people like malefic
in the religious and racials representations
in the São João del-Rei press (1871-1889)*

Flávio Raimundo Giarola*

Resumo

O presente artigo analisa as representações do negro nos jornais de São João del-Rei, focalizando seus elementos religiosos e raciais. Pretendemos indicar que, na concepção da elite da cidade, o negro aparecia como elemento inferior, seja devido às associações do mesmo com o diabo e com o mal; seja pelas imagens de bárbaro, violento, incivilizado e racialmente incapaz, amplamente divulgadas pela imprensa periódica.

Palavras-Chave:

Negros. Representações. Raça.

Abstract

This article analysis the representation of the black people in the São João del-Rei journals, with especial attention from racials and religious elements. Our intention is show that, in elite conceptions,

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Campus de Divinópolis (Minas Gerais, Brasil). Principais obras: *As representações da mão-de-obra: escravos, imigrantes e trabalhadores nacionais nos discursos dos políticos sanjoanenses (1871-1889)* (Dissertação de Mestrado, 2011); *Do “triunfo nos trópicos” ao “fim da civilização”: “raça”, história e nacionalidade na perspectiva dos intelectuais monarquistas-católicos (1889-1917)* (Tese de Doutorado, 2015); *As representações da mão-de-obra: escravos, imigrantes e trabalhadores nacionais nos discursos dos políticos sanjoanenses (1871-1889)* (Livro, Rio de Janeiro: Multifoco, 2012). Contato: <flaviogiarola@yahoo.com.br>.

the black was showed like an inferior element, through the associations with the devil and evil, also through the images of the black people like barbarian, uncivilized and a unable race. All this representations was largely published in São João Del-Rei press.

Keywords:

Blacks. Representations. Race.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, à medida que a possibilidade de uma grande imigração europeia tomava corpo no Brasil, o negro começou a ser descaracterizado, não apenas como força de trabalho, mas também como futuro cidadão.¹ A viabilidade de um novo tipo de trabalhador, considerado superior racial e culturalmente, permitiu que representações negativas sobre o negro, até então suavizadas pela imagem do senhor como elemento civilizador, ficassem cada vez mais evidentes. Por outro lado, estereótipos desfavoráveis da população negra, anteriormente ligados a preconceitos de cunho místico-religiosos ou a tradicionais desconfianças diante das práticas culturais africanas, ganharam um caráter racial, que agora inferiorizava estes elementos em termos biológicos. Obviamente, antes das últimas décadas da escravidão no Brasil, o sangue e a ascendência hora ou outra foram usados em diversos discursos, buscando preservar uma hierarquia que remontava os tempos coloniais. No entanto, foi a partir de meados dos oitocentos que as representações diante de negros e mestiços ganharam seu aspecto racialista, tendo como aporte teórico uma série de argumentos vindos da Europa e que se diziam científicos.

Porém, na cidade mineira de São João del-Rei, as representações negativas dos negros preservaram, nas décadas de 1870 e 1880, seu aspecto religioso tradicional, sem, no entanto, deixar de receber os discursos raciais característicos do período. Assim, havia na cidade, por um lado, um ponto de vista baseado em concepções místicas e religiosas que aproximavam os negros ao demônio e caracterizavam suas práticas culturais como malignas e, por outro, a concepção baseada na ideia de raça, usada para apontá-los como sendo naturalmente maus. A conjunção destas imagens fez com que os “homens de cor” fossem vistos como facilmente suscetíveis a atos violentos, o que era refletido nos discursos da imprensa da cidade sobre o perigo da abolição imediata e da “ameaça negra”.

¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 252-253.

Desta forma, o presente artigo analisa estas representações, buscando dar conta das diversas imagens e discursos sobre o negro na cidade de São João del-Rei, nos anos finais da escravidão. Nosso recorte cronológico justifica-se pela intensificação dos debates sobre escravos e ex-escravos neste período, que culminaram em uma intensa manifestação de discursos que associavam o negro ao mal, à violência, à ociosidade e, em consequência, ao demônio.

As associações entre o negro e o demônio em São João del-Rei

A ligação entre o demônio, o mal, e a cor negra é antiga na história do cristianismo. Desde a Antiguidade, figuras demoníacas eram constantemente representadas com a pele negra. De acordo com Maurício César Menon, a representação negra do diabo provém de vários deuses pagãos que eram caracterizados como negros, a exemplo de Anúbis, do Antigo Egito. “A relação que o cristianismo estabelecerá com a cor preta e a malignidade se dá, em partes, pela conclusão de que tudo que era pagão provinha do Diabo”.²

Além disto, na imaginação medieval europeia o diabo foi frequentemente chamado de “Le grand nègre”.³ Segundo Macedo, nos sistemas de valores medievais, a cor negra lembrava o mal. Os teólogos, de Santo Agostinho a Alberto Magno e São Tomás de Aquino, estabeleciam relação do branco com a pureza, perfeição espiritual e a verdade, e do negro com a perdição e falsidade. Por outro lado, os textos destinados à pregação religiosa, como sermões, exempla e a literatura didática em geral, diziam que negra era a cor do diabo. “Por isso mesmo, até pelo menos o século XIV o senhor dos infernos era retratado como ‘etíope negro’, com cabelo encarapinhado, baixa estatura e corpo disforme, em que se misturavam traços humanos e anfíbios”.⁴

Laura de Mello e Souza, por sua vez, afirma que o diabo foi recebendo alterações de acordo com o surgimento de novas culturas e etnias diante dos europeus. “A iconografia europeia mostra que, com o descobrimento da América e, certamente, com a colonização, ganhou cocares de penas e tornou-se cada vez mais negro”.⁵

² MENON, César Maurício. O diabo: um personagem multifacetado. *Revista Línguas e Letras*, Cascavel, Edição Especial, p. 217-227, 2008, p. 225.

³ GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 41.

⁴ MACEDO, José Rivair. Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval. *Revista da ABREM*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 101-132, 2001, p. 17.

⁵ SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 25.

Em São João del-Rei, cidade marcada por uma forte religiosidade, a persistência destas associações entre o demônio e o negro tinha uma importância política no contexto da crise do escravismo. Tais representações podiam refletir na intensificação de preconceitos, já arraigados na elite branca, com relação aos “homens de cor”, que seriam “abruptamente” inseridos na sociedade por meio da abolição. Pensar os ex-escravos como criações demoníacas, portanto, permitiria refletir sobre a necessária manutenção de sua inferioridade social. Em vista disto, a imprensa da cidade reproduziu alguns discursos que afastavam os negros do divino, identificando-os, ao contrário, como sujeitos ligados às trevas e ao mal.

Foi o que fez o jornal *A Pátria Mineira*, órgão que representava o Partido Republicano na cidade. Na edição de 26 de setembro de 1889, o periódico publicou um artigo intitulado “A origem dos negros” e que dizia ser baseado em uma lenda que “tem curso entre os negros do Brasil”.⁶ No texto lia-se:

No tempo de Adão, Satanás quis também criar um homem com o auxílio de um punhado de barro, conforme Deus fizera.

Foi bem sucedido em sua obra. Porém, tudo quanto Satanás tocava, tornava-se preto. Por conseguinte, o homem criado por ele era negro como a noite mais tenebrosa. Vendo isto, mestre Satanás quis limpá-lo.

Imediatamente levou-o ao rio Jordão, afim de o lavar; mas as águas deste rio se retiraram logo e a palma das mãos e a planta dos pés somente do primeiro negro mergulharam no lodo, o que explica sua alvura negativa. Furioso, o diabo aplicou um terrível e imenso murro no nariz de sua criatura, que o achatou desapiedadamente.

O desgraçado pediu misericórdia e, como não tinha culpa de sua infelicidade, Satan compreendeu que não tinha andado bem, enfurecendo-se contra ele. Então, acariciando-o, passou-lhe a mão pelos cabelos; mas sua mão que era muito quente, desempenhou logo as funções de um ferro de frizar cabelos! Estes Mané-Cuias...⁷

Não iremos desenvolver a questão se esta era ou não uma lenda difundida entre os negros, ou se teve outra origem. O que nos interessa é que a narração acima carrega consigo todo um arsenal de preconceitos baseados em caracteres físicos sobre os negros, vinculada a uma narrativa religiosa. Se, por um lado, já havia o mito que colocava os negros como filhos de Cam,⁸ com o estigma da servidão; a citação acima vai além,

⁶ A ORIGEM DOS NEGROS. *A Pátria Mineira*, São João del-Rei, ano 1. n. 20, p. 3, 26 de set. 1889.

⁷ Ibidem.

⁸ A diferenciação da humanidade dentro do monogenismo encontrava legitimação no mito dos irmãos Jafé, Sem e Cam. Segundo POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, a fantasia dos autores tinha livre curso, e as variações propostas eram

pois nela os negros não são nem mesmo criados por Deus. Pode-se dizer que se trata de uma espécie de versão religiosa poligenista,⁹ pois o negro seria de origem e natureza diferente do branco, o primeiro diabólica e o segundo divina. O texto, como pode ser notado, foi elaborado de maneira cômica, com um tom de humor que indicava o negro como uma invenção malsucedida do Diabo. A afirmação final, "*Estes Mané-Cuias*", reafirma o escrito como uma lenda da própria parcela negra da população, a qual o jornal satiriza por isso. Entretanto, este tipo de imagem que aproximava o negro ao demônio foi uma visão comum entre os brancos no século XIX.

É o que nos mostra David Brookshaw ao tratar das lendas sobre a origem das raças:

Algumas apresentavam a suposição de que todas as raças haviam nascido negras, mas uma tinha sido recompensada com brancura e beleza por causa de sua inteligência superior, enquanto que outra permaneceu negra e feia por causa de sua estupidez. Em outras, a raça branca aparece como criação original de Deus, feita a sua perfeição, enquanto que a negra era a tentativa frustrada de imitação feita pelo demônio.¹⁰

O historiador norte-americano Carl N. Degler, por seu turno, citando trabalho de Maria Stella de Novais sobre a escravidão e a abolição no Espírito Santo, apresenta uma versão da criação do negro semelhante à exposta pelo jornal republicano de São João del-Rei:

[...] Conta ele que Deus, a fim de completar o trabalho da criação do mundo, fez o homem e a mulher e colocou-os no Paraíso. Mas o Diabo, invejoso e ciumento, quando viu a obra concluída sugeriu que era capaz de fazer o mesmo prodígio. A fim de castigá-lo por tal audácia ordenou-lhe Deus que fizesse outro homem.

inumeráveis, mas a tendência dominante, conforme, aliás, as sugestões etimológicas já contidas na Bíblia, era a de reservar à Europa os filhos de Jafé, à Ásia, os de Sem, e à África, os de Cam. De acordo com a Bíblia, estes últimos constituíam o objeto de uma misteriosa maldição, sendo condenados a servir de escravos aos demais.

⁹ Um amplo debate entre os primeiros teóricos racialistas dizia respeito à origem da humanidade. De um lado, estava o monogenismo, uma visão que agregava grande número de pensadores na Europa, até meados do século XIX, segundo a qual, conforme as escrituras bíblicas, acreditava-se que a humanidade era uma. Os monogenistas baseavam-se na crença de um pai universal, no caso Adão, que teria sido a gênese de todos os homens (SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 48). De outro lado, estavam os poligenistas que, no Século das Luzes, em nome de considerações que se apresentavam como científicas, acreditavam na existência de vários centros de criação, que correspondiam às diferenças raciais. Os poligenistas ganharam maior espaço a partir de meados do século XIX, com a sofisticação das ciências biológicas e a contestação crescente ao dogma monogenista da Igreja (Ibidem, p. 48-49).

¹⁰ BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 15.

Orgulhoso, o Diabo começou o trabalho, consciente de seu poder. Egoísta! Amassou o barro, imitando o que Deus fizera e após horas e horas de trabalho completou uma linda estátua, igual à de Adão. Soprou sua obra de arte a fim de dar-lhe movimento, mas ela continuava negra, mais negra que o barro original. Que desilusão! Pediu um prazo para melhorar a situação e resolver lavar seu homem à beira do rio. Tanto esfregou e lavou que o cabelo tornou-se encarapinhado sem, no entanto, sua pele tornar-se mais clara. Horrível! Deu-lhe um bofetão, um tremendo bofetão que atirou a figura ao chão, engrossando os lábios e achatando o nariz. Mais furioso que nunca, o infeliz artista levou sua figura negra para a praia e tentou afogá-la na água. Tem que ser destruída! Mas a água recusou-se e o preto acabou de quatro, com as solas dos pés e as palmas das mãos na areia molhada. Surpreso, o Diabo viu então sua criatura erguer-se. Despreocupado, alegre e feliz, com um nariz chato, lábios grossos e cabelo encarapinhado, as solas dos pés e as palmas das mãos muito mais claras que o resto da pele do seu corpo.¹¹

As citações acima permitem aferir que a associação do negro ao diabo, sendo o primeiro produto da inveja do segundo, por conta da criação de Deus, era uma prática frequente nos oitocentos. Assim, *A Pátria Mineira* reproduzia um discurso sobre a criação dos negros recorrente na sociedade daquele período. A aparência do negro, tida como uma deformidade, quase uma aberração, não pode ser explicada como obra divina, o que permite a aproximação com o demônio. Mesmo que o texto do jornal fosse encarado como uma anedota, sua publicação, pouco mais de um ano após a abolição, permitia à elite são-joanense manter o negro em posição de inferioridade, ao reproduzir uma descaracterização mística dos atributos físicos dos “homens de cor”.

Em outras palavras, o uso do discurso criacionista e demoníaco permitia o distanciamento do outro. Essa postura pode ser encontrada em vários momentos da história do catolicismo, uma vez que, segundo Laura de Mello e Souza, a demonologia podia facilmente ser associada à “ciência do outro”. Na Europa medieval e moderna, o outro eram os bruxos e bruxas que permeavam o imaginário cristão. Com a colonização do “Novo Mundo”, os povos indígenas aparecem como o “outro ameaçador com os elementos negativos e detratores por excelência disponíveis no âmbito da cultura dos conquistadores e colonizadores da América”.¹²

Também no jornal do Partido Liberal *A Verdade Política*, de 06 de junho de 1889, percebemos, em uma afirmação sutil, o mesmo tipo de representação, que comprova que a ideia de proximidade entre os “homens de cor” e o diabo era mais do que uma “lenda de negros”:

¹¹ DEGLER, Carl N. *Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976, p. 128.

¹² SOUZA, Laura de Mello e. op. cit., p. 25.

A Pele dos Negros

Comunicaram da Alemanha à Academia de Medicina de Paris o resultado de uma experiência curiosíssima.

No Hospital de Leipzig os médicos operaram em um negro; viram-se na necessidade de adaptar aos sítios do corpo, que ficaram em carne viva, pedaços de pele tirados de uma pessoa de raça branca. O enxerto pegou, e a pele foi pouco a pouco mudando de cor, até ficar tão negra como a do resto do corpo do enfermo.

Este fato levou os médicos a tentarem a experiência contrária: a adaptar pele de negro em corpo de branco. No fim de algumas semanas, a pele começou a tornar-se clara, e três meses depois tinha adquirido cor igual a do resto do corpo do paciente.

A vista de tal, já não nos admira que haja *pele do diabo*!¹³

Este texto é interessante por dois aspectos. O primeiro é a ideia de que nem mesmo a aplicação da ciência poderia transformar um negro em branco ou vice-versa. Desta forma, o distanciamento entre negros e brancos é percebido como fator irreversível, comprovado pelas experiências científicas. O segundo ponto que nos chama a atenção encontra-se no final do artigo, onde se percebe novamente a aproximação do negro com Lúcifer, que se dá através da cor preta.

A representação do diabo como um homem negro era tão frequente no século XIX como fora em períodos anteriores, como pode ser notado em uma publicação, no *A Pátria Mineira*, de um poema de Victor Hugo (1802-1885), intitulado “Deus e o Demônio”, no qual expressões como “o negro, o eterno paria” ou “E o coxo horrível, que abre a negra asa medonha”¹⁴ referiam-se ao demônio e indicavam que este era negro.

Desta forma, conforme Brookshaw, o modo como o branco via o negro era moldado, desde a infância pelas histórias e baladas que associavam a negritude ao mal. A fusão entre o negro e o demônio, por outro lado, permitia a consolidação de uma imagem do negro como possuidor de características semelhantes às do demônio, enquanto que, ao mesmo tempo, o demônio se disfarçava, nas histórias, de negro.¹⁵

Necessário se faz dizer que, a partir desta postura assumida principalmente pela igreja, as ligações entre o negro e o maligno vão se estreitar cada vez mais – o que constituirá, de certa forma, a base para os comportamentos preconceituosos e excludentes que a sociedade cristã ocidental assumirá na maioria das vezes, em relação aos negros, mulatos, pardos e outros.¹⁶

¹³ A PELE DOS NEGROS. *A Verdade Política*, São João del-Rei, ano 1, n. 30, p. 3, 6 jun. 1889. Grifos nossos.

¹⁴ HUGO, Victor. Deus e o Demônio. *A Pátria Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 3, p. 4, 20 mai. 1889.

¹⁵ BROOKSHAW, David. op. cit., p. 15.

¹⁶ MENON, César Maurício. op. cit., p. 225.

A ligação do negro com o maligno e o demoníaco, na imprensa de São João del-Rei, também aparecia nos relatos sobre feitiçaria. O jornal *Gazeta Mineira*, que se dizia apartidário, publicou, em 21 de fevereiro de 1884, um artigo em forma de prosa no qual se relatava a chegada de um feiteiro à cidade vizinha de São Tiago, que era um “preto, grotescamente vestido com chapéu de penachos, laços de fita, e sobraçando uma pequena zabumba”.¹⁷ No mesmo texto, aparecia a presença de outro bruxo que haveria dado um *patuá* para que o autor se protegesse de feitiços. Este bruxo era identificado como “um velho africano”.¹⁸ O mesmo periódico publicou, em 10 de maio de 1884, a notícia de uma preta que se dizia santa em Goiás e predizia o futuro, mas que dava penitências em dinheiro ou em castigos físicos, quando faltava o primeiro.

Em todas essas notícias, as práticas religiosas dos negros foram vistas de forma negativa pela imprensa, representadas como superstições insidiosas. Evidenciava-se, assim, a ligação entre negros e crenças consideradas bárbaras e incivilizadas, o que parecia comprovar a inferioridade dos mesmos. Práticas culturais advindas da África podiam ser facilmente associadas às práticas sabáticas e à feitiçaria, popularizadas na América pelo discurso cristão, sobretudo através das ações da inquisição. Desta forma, ao penetrarem na sociedade brasileira e manterem suas “crenças pagãs”, os negros passavam a representar um perigo não apenas à sociedade, mas também ao cristianismo.

Se estes discursos místico-religiosos apenas reproduziam antigos preconceitos presentes na elite branca; na década de 1880, a suposta inferioridade dos negros passou a ser anunciada com o uso mais frequente da palavra raça, seja em artigos produzidos pela própria imprensa de São João del-Rei, seja por transcrições de artigos extraídos de periódicos de outras cidades e províncias. Porém, mesmo nos discursos de cunho racial, a pretensa malignidade do negro ainda se encontrava presente, desta vez com estereótipos negativos que procuravam destacar a violência implícita aos “homens de cor”, como veremos a seguir.

O negro como violento, bárbaro e incivilizado

Analisando a imprensa de São Paulo do final do século XIX, Lilia Schwarcz percebeu que a ligação entre os negros e atos considerados “bárbaros” era comum. Segundo a autora, a associação entre o elemento de cor e a noção de violência era tão imediata nas notícias que a própria

¹⁷ BELDROEGAS. Fogos Fatuos. *Gazeta Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 12, p. 2-3, 21 fev. 1884.

¹⁸ *Ibidem*.

palavra “negro”, em si, já indicava fatos infames, violentos e reprováveis: “expressões como ‘páginas negras’, ‘negro crime’ eram então comumente utilizadas para caracterizar fatos violentos”.¹⁹

Na imprensa de São João del-Rei não ocorreu de forma diferente. *O Arauto de Minas*, jornal conservador e escravista, representou, por várias vezes, os negros como sendo uma raça com instintos selvagens, caracterizada pela expressão “raça embrutecida”²⁰ (*O Arauto de Minas*, 24/12/1880). Em diversos momentos, o periódico mostrou os negros como indivíduos quase incontroláveis, com uma tendência natural ao crime. Em coerência com sua postura pró-escravidão, este tipo de representação era usado para mostrar que o fim imediato do trabalho servil traria naturalmente a desordem e a anarquia:

Em um país como o nosso, em que uma terça parte da população é escrava, e em que a lavoura, nossa única riqueza, não pode contar senão com braços escravos, [...] pôr termo à escravidão, é implantar desde já o desânimo e o terror no espírito dos brasileiros verdadeiramente laboriosos, é arruinar completamente nossa principal fonte de riqueza, é imprimir no país inteiro a mais profunda e violenta comoção, é enfim expor milhares de vidas preciosas aos instintos ferozes de uma raça embrutecida²¹ (*O Arauto de Minas*, 24/12/1880).

O discurso do periódico combina temores diante de uma crise econômica inerente à abolição com receios sobre a segurança dos indivíduos “verdadeiramente laboriosos”, que seriam expostos aos “instintos ferozes de uma raça embrutecida”. Neste texto, ao invés do aspecto religioso, destaca-se o fator racial. A “raça negra” seria uma “raça selvagem” e, por isso, ameaçadora, caso ficasse longe da proteção dos brancos. Fica implícito o tom paternalista do discurso, uma vez que o branco é o único que pode frear a tendência natural dos negros de se entregarem aos seus instintos “bárbaros” e violentos.

O surgimento das ideias abolicionistas, aos olhos da elite são-joanense, ameaçava essa proteção dada pelo senhor aos seus escravos. O abolicionismo, segundo este discurso, incentivava os impulsos cruéis de uma “raça incivilizada”, o que resultaria nos vários registros de homicídios de senhores de escravos.

Em uma notificação de assassinato de um senhor pelo seu escravo, em 28 de fevereiro de 1885, no município de Mar de Espanha, que terminou com o linchamento do cativo pelos “cidadãos” da região, O

¹⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p. 117.

²⁰ EXTR.. A propaganda abolicionista. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 4, n. 39, p. 1-2, 24 dez. 1880.

²¹ *Ibidem*.

Arauto de Minas falava de um ambiente de guerra entre fazendeiros e escravos, cuja culpa era dos abolicionistas: “Desde que os trêfegos abolicionistas incitam os escravos à revolta, não será para admirar que os fazendeiros, para ressaltarem sua vida e sua família, matem negros como macacos”.²² O artigo também deixava claro o que foi percebido por Célia M. M. de Azevedo, ao analisar os debates na Câmara dos Deputados da Província de São Paulo: a preocupação em atribuir ao senhor assassinado todas as qualidades do bom senhor, vítima indefesa de um bárbaro escravo.²³ Imprime-se, portanto, a ideia de uma bondade inerente aos senhores, enquanto os escravos e ex-escravos aproveitavam o clima gerado pelas ideias abolicionistas para exporem seus instintos violentos e malignos.

Antes disto, em 22 de janeiro de 1881, o mesmo impresso publicava a notícia, recebida por carta de Turvo, do assassinato da Senhora Thereza Botelho, “tia pelo lado materno da esposa do nosso amigo Antônio Rodrigues de Mello”, enforcada nos varais de um catre por sua escrava de nome Vicência. O jornal já dizia que tais atos eram “frutos do abolicionismo” e frisava, em seguida, que “segundo a mesma carta essa escrava era extremamente estimada por sua senhora”.²⁴ Assim, o relato procurava impressionar não apenas pelo crime em si, mas também pelo caráter traiçoeiro da escrava, que não hesitou em assassinar sua senhora, ainda que recebesse um bom tratamento. Em outras palavras, a essência ruim da raça negra a impedia de ter compaixão e gratidão para o seu “bom senhor”.

Os abolicionistas novamente apareceram como instigadores dos “instintos ferozes” dos negros no artigo de 05 de dezembro de 1884:

Se já hoje os órgãos abolicionistas aconselham aos escravos o assassinato de seus senhores, como meio de ficarem livres; se à mão armada são tirados os escravos do poder de seus senhores pelos abolicionistas, atacando estes as casas daqueles a horas mortas da noite, como sucedeu em São Paulo; que dias tristes e lutuosos não serão os que se seguirem à decretação da providência pedida pelo governo?²⁵

O Arauto de Minas caracterizava os projetos abolicionistas como “comunistas”, por atacarem o direito à propriedade, e “insidiosos”, por ameaçarem a ordem pública. Deste modo, causavam a “anarquia e a

²² CENAS DO ABOLICIONISMO. *O Arauto de Minas*, São João del-Rei, ano 8, n. 5, p. 3, 28 fev. 1885.

²³ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. op. cit. (1987), p. 121.

²⁴ ASSASSINATO. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 4, n. 43, p. 3, 22 jan. 1881.

²⁵ REGENERADOR. Libertação dos escravos sexagenários. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 8, n. ilegível, p. 1, 5 dez. 1984.

desordem”, ao incitar o assassinato dos senhores pelos cativos e inspirar “as paixões más dos escravos”.²⁶ Segundo o periódico, abolir de imediato a escravidão era acabar com um mal lançando outro mal, era realizar uma ideia “filantrópica em benefício de uma classe, à custa do sacrifício de outra classe superior e mais numerosa”.²⁷

Outra característica dos anúncios de crimes cometidos por escravos e libertos era o fato deles, muitas vezes, serem expostos de uma maneira ridicularizada, mostrando os negros como indivíduos que poderiam praticar os atos mais hediondos pelos motivos mais banais. É o caso de uma notificação de homicídio na qual um escravo aprisionado teria matado o seu companheiro de cela, para se tornar galé e não ter que voltar a servir ao seu senhor. O texto era concluído com a frase: “O nhônhô Nabuco, chefe dos abolicionistas, não nos dirá que pena deve o júri aplicar a este galé espontâneo?”.²⁸

Esses discursos, de forma indireta, retomavam a série de representações que ligavam os negros ao demônio e à malignidade, uma vez que as práticas violentas percebidas pela imprensa não podiam ser associadas à doutrina cristã. Ao mesmo tempo, percebe-se o negro como um eterno inimigo, representante de uma “raça inferior”, cuja libertação levaria a atitudes vingativas contra seus ex-senhores. Suas “paixões más” não permitiriam ver os “benefícios” que a proximidade com o branco podia gerar em seu caráter, levando, ao contrário, ao surgimento do ódio e da repulsa contra seu benfeitor.

Para *O Arauto de Minas*, havia, portanto, apenas uma solução diante dos debates em torno da mão de obra escrava: a abolição gradual, que já teria sido implantada por meio da Lei do Ventre Livre (1871). Tal lei, aplaudida pela elite escravista, permitiria uma abolição lenta, sob a tutela do branco, que conteria, aos poucos, a tendência natural dos negros ao mal. Desta forma, o escravo libertado poderia, gradualmente, se confundir e identificar com a massa da população livre:

e nela desaparecendo, nunca podendo formar um corpo à parte e ameaçador, como aconteceria se de um dia para o outro se abrissem as portas de todas as fazendas e se soltassem à liberdade bandos numerosíssimos de escravos, animados pela maior parte dos mais ferozes instintos.²⁹

²⁶ ELMENTO SERVIL. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 4, n. 37. p. 1-2, 9 dez. 1880.

²⁷ EXTR.. A propaganda abolicionista. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 4, n. 39, p. 1-2, 24 dez. 1880.

²⁸ MATOU PARA SER GALÉ. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei. ano 5, n. 18, p. 2,14 jul. 1881.

²⁹ EXTR.. A propaganda abolicionista. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei, ano 4, n. 39, p. 1-2, 24 dez. 1880.

Outro jornal da cidade, a *Gazeta Mineira*, considerava o tema do fim do regime servil “envolvido em reservas filhas do pânico terror”.³⁰ Em vista disto, pedia para que as autoridades intervissem em busca de uma solução “pacífica e feliz”. Caso contrário, a sociedade seria entregue “às mais aterradoras comoções” e ficaria sujeita a “profundas catástrofes” decorrentes da negligência dos políticos diante do assunto. A maior de todas as calamidades visualizadas pelo impresso seria a guerra civil entre abolicionistas, senhores e escravos:

De um lado avolumam-se extraordinariamente a onda abolicionista; de outra criam-se por toda a parte clubes de lavradores, com o fim de resistirem energeticamente à impetuosidade da corrente.

Cenas aterradoras reproduzem-se a todo instante, e já tem regado o solo pátrio o sangue de muitos proprietários de escravos.

Os lavradores vivem em contínuo sobressalto, enxergando a toda hora diante de si uma morte bárbara, uma hecatombe tremenda.

Agora é que podemos dizer realmente que estamos sobre um vulcão.³¹

Como *O Arauto de Minas*, a *Gazeta Mineira* enfatizava o assassinato dos senhores pelos seus escravos, colocando-os como vítimas indefesas de seus cativos. Tal atitude demonstrava a preocupação que estas ocorrências causavam na elite, principalmente nos proprietários de escravos. Essa insegurança das classes proprietárias diante do acirramento dos conflitos entre escravos e senhores estava, logicamente, ligada ao aumento da indisciplina e crimes de cativos contra seus senhores, feitores e respectivas famílias.³² Porém, o medo diante do negro se sustentava, igualmente, em toda a gama de representações que mostravam tais indivíduos como cruéis, violentos e oriundos de um continente marcado pela selvageria e pela barbárie.³³

No período pós-13 de maio, a imagem de uma desordem decorrente da abolição persistiu no republicano *A Pátria Mineira*, usada como arma discursiva para atacar o regime monárquico. Em 30 de maio de 1889, o jornal contestava uma fala do trono que dizia haver tranquilidade pública no Brasil. Segundo o periódico, a monarquia estava utilizando uma guarda negra para combater a propaganda republicana na capital

³⁰ ELEMENTO SERVIL. *A Gazeta Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 26, p. 1-2, 19 mai. 1894.

³¹ ELEMENTO SERVIL. *A Gazeta Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 26, p. 1-2, 19 mai. 1894.

³² AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. op. cit. (1987), p. 117-120.

³³ Conforme COSTA E SILVA, Alberto da. *Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX*. São Paulo: Penguin, 2012, p. 12, com a expansão do comércio transatlântico de escravos, os viajantes que visitavam o continente africano passaram a representar a África como um continente cada vez mais imperfeito, que a Europa tinha o dever moral de tirar da escuridão e colocar nos eixos.

do Império,³⁴ além de permitir a ocorrência de vários levantes de libertos em algumas cidades de Minas. Terminava dizendo que a Coroa estava provocando a “guerra de raças” e abreviando a “revolução”. Importante dizer que, na mesma edição, havia um artigo intitulado “O Estado da Lavoura”, no qual indiretamente se criticava o fim do regime servil.

O medo da desordem pós-abolição e o “negro vadio”

A ideia de ameaça do negro também aparecia na imprensa são-joanense ligada à questão do trabalho. A elite da cidade acreditava que, após a abolição, os ex-escravos não se importariam em procurar trabalho, aumentariam o número de ociosos do país e, conseqüentemente, proveriam suas necessidades através de assaltos e rapinagens às propriedades privadas. Novamente, o crime aparecia como inerente ao negro, símbolo de sua maldade natural.

Como afirma Chalhoub, com a libertação dos cativos, o problema que se apresentava era o de como fazer com que o libertado, dono de sua força de trabalho, se tornasse um trabalhador, isto é, se dispusesse a vender sua capacidade de trabalho ao capitalista empreendedor. Tomava-se como ponto de partida o suposto de que todos os libertos eram ociosos, o que visava garantir, de início, o direito da “sociedade civilizada” de emendá-los.³⁵ Chalhoub mostra que, no parlamento, a lei de 13 de maio era percebida como uma ameaça à ordem porque nivelava todas as classes de um dia para o outro, provocando um deslocamento de profissões e de hábitos de conseqüências imprevisíveis.³⁶

Assim, antes da abolição, uma das preocupações d’*O Arauto de Minas* era com os resultados catastróficos que o fim imediato do trabalho servil poderia trazer. Falava-se, no periódico conservador, que “nas estradas bandos de libertos pela lei liberal assaltarão o viandante e levarão a desolação e o luto ao seio das famílias”.³⁷ Na edição de 27 de setembro de 1884, o jornal transcreveu um artigo do *Diário do Brasil*, órgão liberal na Corte, intitulado “*Abolição contra abolição*”. Neste, ficava evidente

³⁴ A Guarda Negra foi criada logo após a abolição, sob a inspiração de José do Patrocínio. Era composta por libertos e visava mostrar sua gratidão para com a princesa Isabel e com a monarquia que os havia emancipado. Sua atuação centrou-se na repressão às manifestações contrárias ao Império e, em especial, às atividades do Partido Republicano (SCHWARCZ, Lilia Moritz. op. cit. (1987), p. 232).

³⁵ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 69.

³⁶ *Ibidem*, p. 67.

³⁷ DO ELEITORADO DEPENDE TUDO. *O Arauto de Minas*. São João del-Rei. ano 5, n. 32, p. 1-2, 22 out. 1881.

a preocupação com as forças policiais após a abolição, resumida pela interrogação: “Onde há força que possa conter um milhão de escravos entregues ao roubo e ao assalto em plena estrada?”³⁸

Apesar da relação entre escravos e perigo de desordem também ter sido mobilizada pelos abolicionistas, como demonstra Célia Maria Marinho de Azevedo ao afirmar que vários discursos em defesa do fim do trabalho servil estavam ligados à ideia de que a escravidão transformava os negros em ameaças potenciais,³⁹ nos impressos de São João del-Rei esse tipo de argumento foi constantemente utilizado para questionar a abolição e criticar o abolicionismo.

Nesse sentido, a *Gazeta Mineira*, em 10 de dezembro de 1884, dizia que: “o Governo quer abolir a instituição servil por ódio a esta e não por amor do escravo, a quem irão condenar à fome ou à cadeia”.⁴⁰ O periódico, portanto, novamente reproduzia a ideia de que o liberto, longe da tutela do seu senhor, não trabalharia e, por isso, seria condenado à miséria ou se entregaria ao crime. Assim, o jornal manifestava o seu temor diante de um eventual fim do trabalho forçado “sem transição nem preparo”.

O republicano *A Pátria Mineira*, por sua vez, publicou, em 30 de maio de 1889, a descrição feita pelo fazendeiro Sr. Silvio Paiva ao seu irmão, também fazendeiro, sobre o estado da lavoura em Cachoeira do Funil, local onde residia o primeiro. Em uma longa lamentação sobre a crise que tomara a produção, após a libertação dos escravos pelo Império, o fazendeiro dizia: “O governo faz festas, os libertos bebem e dançam, e viva a folia! Se a velhice não me tolhesse, fazia como eles, dançava e cantava”.⁴¹ Para além da clara ironia presente na citação, o texto era

³⁸ ABOLIÇÃO CONTRA ABOLIÇÃO. *O Arauto de Minas*. ano 8, n. 22, p. 2, 27 set. 1884.

³⁹ Azevedo realizou uma interessante comparação entre o tom do discurso abolicionista nos Estados Unidos e no Brasil. Para Azevedo, a linguagem do abolicionismo americano assume o tom de quem fala de fora e de longe sobre uma realidade vergonhosa. “Lá longe havia o sul, onde os escravos carregavam uma cruz insuportável por imposição de senhores cruéis, os maiores dentre todos os pecadores” (AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada* (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003, p. 50). Os escravos, as vítimas, eram os irmãos a serem redimidos. No Brasil, o tom era bem distinto, pois se tratava de uma voz de dentro, onde não só se via, mas sentia o espetáculo diário da escravidão, os escravos sendo vitimados pelos senhores, os quais, por culpa de sua própria imprevidência, terminaram sendo as maiores vítimas. “Os pobres escravos, as vítimas, têm também o poder de contaminar e destruir a sociedade como um todo. O tom discursivo é um misto de medo e compaixão; a palavra ‘irmão’ não sai tão facilmente quando se fala de dentro da escravidão” (Ibidem, p. 51).

⁴⁰ CAPITÓLIO, O Ganso do. Efeitos do abolicionismo. *Gazeta Mineira*, São João del-Rei, ano 1, n. 69, p. 3, 10 dez. 1884.

⁴¹ PAIVA, Silvio. O estado da lavoura. *A Pátria Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 3, p. 3, 30 mai. 1889.

também um protesto, no qual os fazendeiros eram representados como verdadeiros trabalhadores, enquanto os libertos eram tidos como indivíduos sem interesse pelo trabalho honesto e digno e, por isso, injustamente tirados de seus senhores. Desta maneira, o escrito finalizava com um tom desolador:

Os tempos estão para isso. De que serve trabalhar, amotinar-se, sofrer privações, se o governo de repente nos tira tudo por um decreto!... Toca a folgar que a vida é curta, e quando a fome vier, tanto sofre quem folga como quem trabalha.⁴²

O cenário de desordem e inversão de papéis do pós-escravidão continuava na mesma edição do periódico, logo em seguida ao texto supracitado, no qual o jornal dizia que o Império fazia uso de libertos para atacar aos republicanos, conforme já foi dito anteriormente. O artigo expunha diversas ocorrências de desordens, que, para *A Pátria Mineira*, teriam o apoio do próprio governo:

O país sabe bem dos meios que o governo de sua majestade tem se servido para impedir a propaganda republicana lançando mão de uma guarda negra na capital do Império; a atitude que tem tomado os libertos em Santo Antônio de (ilegível), os conflitos em São José de Além Paraíba e Valença, as ocorrências que se deram em Laje de Muriaé, provocadas pela polícia apoiando os libertos, as fanfarronadas de JOÃO DE CALAES, no Jaquary, com o da (ilegível), e ultimamente o espetáculo em São João del-Rei, representado pelas influências conservadoras, estão patentes, e entretanto a fala do trono diz – o País goza da tranqüilidade!⁴³

Cabe destacar que, com o fim do trabalho servil, a Monarquia tomava o lugar dos abolicionistas como elemento inconsequente, que incitava os “instintos violentos” dos negros, levando ao conflito entre uma raça considerada inferior contra outra tida como superior. A hierarquia racial, desta forma, não precisa estar explícita no texto, basta o uso de uma representação negativa de um corpo de guardas composto unicamente por negros.

Os dois textos d'*A Pátria Mineira*, além de deixarem claras as representações que a elite fazia dos negros, evidenciavam também a estratégia discursiva do impresso republicano no combate à Monarquia. A intenção é mostrar uma inversão de situações que teria sido patrocinada pelo regime monárquico. Por um lado, a já citada ideia de que a libertação dos escravos seria um incentivo aos negros ociosos contra os homens verdadeiramente laboriosos. Por outro, a imagem de uma instabilidade

⁴² PAIVA, Silvio. O estado da lavoura. *A Pátria Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 3, p. 3, 30 mai. 1889.

⁴³ MARINHO, F.. Republicanos. *A Pátria Mineira*. São João del-Rei, ano 1, n. 3, p. 3, 30 mai. 1889.

pública, expressa por ocorrências de insubordinações de libertos, apoiadas pelas autoridades, colocando em risco a segurança da elite e da liberdade de expressão, no caso, dos republicanos. Ambas, no entanto, deixam transparecer a percepção que a elite são-joanense fazia dos negros: vadios, insubordinados, entregues à farra e festas, não se preocupando com o trabalho honesto.

Considerações finais

Tendo em vista que as representações do mundo social, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelo interesse de grupo que as forjam”,⁴⁴ podemos entender a função política à qual serviam todas essas imagens do negro como ameaça aos brancos. Por um lado, *O Arauto de Minas*, como jornal escravista e contrário a qualquer ideia de abolição que ultrapassasse a proposta da Lei do Ventre Livre, utilizava a possível ameaça negra como um argumento a mais no combate ao abolicionismo. Por outro, a *Gazeta Mineira* manifestava tal imagem no momento em que ocorria a dissolução da Câmara dos Deputados pelo Poder Moderador, em meio ao projeto sobre o elemento servil de Dantas e a abolição no Amazonas:

Ora, existia nessa Câmara de dissolução anunciada um deputado do 6º distrito, o sr. Aureliano Mourão, recém eleito pela vaga aberta pelo falecimento do deputado Carvalho Rezende, “conservador” de Nazareth. Aureliano era chefe do “partido conservador” de São João e considerado pelo próprio Arauto de Minas como redator da *Gazeta Mineira*, que realmente o apoiava.⁴⁵

Já *A Pátria Mineira*, como já foi dito, utilizava a ideia de “guerra de raças” para combater a monarquia. Para ela, D. Pedro II teria legado ao Brasil um clima de tensão entre brancos e negros, ao realizar a abolição da escravidão. Tentava mostrar que no Brasil havia instabilidade social e anarquismo e, principalmente, angariar o apoio de proprietários insatisfeitos com o fim do escravismo.

No entanto, não cremos que essas representações eram apenas armas discursivas para defesa de determinadas posturas políticas. Elas eram formuladas a partir de uma série de percepções e estereótipos que apontavam a inferioridade do negro, caracterizado como bárbaro,

⁴⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁴⁵ AMARAL, Alex Lombello. *Cascudos e Chimangos: Imprensa e política pelas páginas dos periódicos de São João del-Rei (1876-1884)*. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2008. p. 207.

violento, incivilizado, maligno ou racialmente ruim. A combinação de tais representações gerava a imagem de uma ameaça constante aos brancos, que devia ser combatida e tratada como caso de polícia. Assim, defendemos que, mesmo sendo vinculada a interesses de grupo, essas representações dos negros estavam também fortemente inseridas no imaginário da elite branca e proprietária, ou seja, os redatores dos jornais realmente acreditavam naquilo que divulgavam.

Em síntese, é possível perceber que, em São João del-Rei, a ideia de inferioridade do negro esteve presente sob formas diversas, as quais podemos esquematizar da seguinte maneira: 1- as imagens que vinculavam os negros ao diabo e à feitiçaria refletem a manutenção de preconceitos antigos enraizados na sociedade, que inferiorizavam os mesmos ao identificá-los com o malignos e ao desqualificar suas práticas culturais; 2- à medida que avançava a década de 1880, o termo “raça” tornava-se mais presente nos textos da imprensa, também sendo usado para defender o rebaixamento do negro em relação ao branco; 3- essas representações se consolidavam na ideia de ameaça do negro com a abolição, fundamentada no pressuposto de que estes pertenciam a uma raça semi-selvagem, com instintos bárbaros, pouca inteligência e essencialmente má.

Em suma, os negros faziam sentido dentro do regime escravista, mas, em uma sociedade livre, não eram mais do que uma ameaça, principalmente se a abolição ocorresse bruscamente, sem preparar os libertos para a vida autônoma.

Recebido em: 14 de março de 2017.

Aceito em: 24 de agosto de 2018.